

---

**O 25 DE ABRIL DE 1974 OBSERVADO PELO *DIÁRIO DE LISBOA***  
**THE APRIL 25<sup>TH</sup>, 1974 OBSERVED BY *DIÁRIO DE LISBOA***

Cecília Barreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O *Diário de Lisboa* (1921-1989), vespertino com imensa influência, sobretudo na sociedade lisboeta, foi acompanhando o 25 de abril de 1974 com uma candura e uma inocência, que quarenta anos mais tarde só nos pode dar um prazer imenso de leitura. O Brasil, o grande interlocutor, estava sempre presente. Os intelectuais, pós-25 de abril, também. O imaginário fantasioso da publicidade dos inícios da década de 70 dava a dimensão de um Portugal miserável nas zonas rurais e apreciável na grande Lisboa. Apontamentos de leitura de um periódico empenhado.

**PALAVRAS-CHAVE:** 25 de abril; Revolução; Esquerda-Fascismo; Cultura; Brasil.

**ABSTRACT:** The *Diário de Lisboa* (1921-1989), evening newspaper with immense influence, especially in Lisbon society, was watching the April 25 1974 with a candour and innocence, that forty years later only can give us an immense reading pleasure. Brazil, the big interlocutor, was always present. The intellectuals, post 25<sup>th</sup> April were also. The fanciful imagery of advertising of the early 70s, gave the size of a miserable Portugal in rural areas; and appreciable in Greater Lisbon. Some notes about the reading of a committed journal.

**KEYWORDS:** April 25<sup>th</sup>; Revolution; Political left-Fascism; Culture; Brazil

O *Diário de Lisboa* (1921-1989) foi um vespertino com imensa influência na sociedade portuguesa até porque congregou, à sua volta, grandes nomes da cultura e da literatura. Afirmou-se no próprio dia do 25 de abril de 1974 até 1989 como um periódico da esquerda moderada.

É óbvio que a minha tentativa de um olhar sobre o *Diário de Lisboa*, em relação ao mês que se seguiu ao movimento das forças armadas, tem um enfoque político, cultural e histórico. Assiste-se, por exemplo, à irrupção dos feminismos, das grandes palavras libertárias, pela abolição das censuras, de um manifesto pelas minorias sexuais, da agitação literária e da divulgação de teóricos como Marcuse (1898-1979).

---

<sup>1</sup> Professora Agregada da FCSH/Universidade Nova de Lisboa.

Na segunda edição do dia 25 de abril de 1974 lê-se em parangonas: “O Movimento das Forças Armadas prosseguirá na sua acção libertadora”. Consta em detalhe o Programa do Movimento. A primeira lei, muito consensual, trata da destituição do Presidente da República e do Governo, da dissolução da Assembleia Nacional e do Conselho de Estado, passando a haver a toda poderosa Junta de Salvação Nacional. Entrando mais em pormenor no Programa, trata-se da abolição da Censura e Exame Prévio; da amnistia de todos os presos políticos, da promulgação da liberdade de reunião e associação; de uma nova Lei da imprensa, rádio, televisão, teatro e cinema. Exoneram-se os Governadores-gerais de Angola e Moçambique e os Governadores civis do continente e ilhas.

No dia 26 de abril, em segunda edição, surge a composição da Junta de Salvação Nacional presidida pelo general António de Spínola (1910-1996), para surpresa de muitos que prefeririam ver o general Costa Gomes (1914-2001) assumir essas funções (militar mais à esquerda na amálgama dos militares de mais alta patente). Está claro, que o *Diário de Lisboa* não se atreve a demonstrar qualquer opinião: os jornais limitavam-se a publicar os manifestos do Movimento das Forças Armadas ou da tão estranha Junta de Salvação Nacional.

Mais tarde, saber-se-ia que o movimento militar teve a coordenação de Otelo Saraiva de Carvalho (1936- ), de Melo Antunes (1933-1999), de Salgueiro Maia (1944-1992), de Vítor Alves (1935-2011), Vítor Crespo (1932- ), Almada Contreiras, Costa Martins (1938- ) e Pereira Pinto. Mas, o *Diário de Lisboa* sofre da ingenuidade e do deslumbramento de um turbilhão de factos que estavam a acontecer.

Na realidade os militares do 25 de Abril, capitães e majores, queriam derrubar o poder existente e — o *Diário de Lisboa* ainda o diz - criar um governo de consenso nacional em três semanas. O que mais espantou certas forças políticas era o desfasamento entre os militares reais e concretos do Movimento e a envelhecida e spínolista Junta de Salvação Nacional. Estes capitães e majores souberam destituir um governo arcaico, mas rapidamente, se criou um grande vazio do poder que transformou o MFA no grande ícone da revolução então em curso.

No dia 30 de abril de 1974, o *Diário de Lisboa* publica o que a Junta obriga: “A Junta pede serenidade no primeiro de Maio”, estendendo esse dia para *feriado nacional*. No mesmo número diz-se: “Spínola reuniu-se com a banca privada / Champalimaud (1918-2004): reformas rápidas de natureza económica e financeira”.

O *primeiro de Maio* foi indescritivelmente um povo inteiro nas ruas das cidades e, pela primeira e última vez, num palanque no centro de

Lisboa muitos civis de esquerda e os eternos rivais Álvaro Cunhal (1913-2005), ao PCP, e Mário Soares (1924- ), do PS.

Continuava o protagonismo de Spínola nos media nacionais, enquanto 170 pides estavam presos nas celas de Caxias.

A 27 de abril, o *Diário de Lisboa* mostra vários posters de Abel Manta (1888-1982) cortados pela censura e curiosamente, já após o 1º de Maio, reúnem-se os escritores portugueses antifascistas que contam com alguns nomes de vulto: Augusto Abelaira (1926-2003), Baptista Bastos (1934), Carlos de Oliveira (1921-1981), Eduardo Prado Coelho (1944-2007), Jacinto Prado Coelho (1920-1984), Francisco Sousa Tavares (1920-1993), Cardoso Pires (1925-1998), Saramago (1922-2010), Sttau Monteiro (1926-1993), Maria Velho da Costa (1938- ), Sophia de Mello Breyner (1919-2004), Vergílio Ferreira (1916-1996), etc...

O conceito de “antifascista” era muito lato: quase todas as linhas ideológicas de partidos políticos, de associações, de chefias diziam-se antifascistas e revolucionárias. De repente, ao menor descuido, uma pessoa podia ser apelidada de fascista. Os extremos eram totais: ou se era socialista ou comunista ou se era fascista.

O *Diário de Lisboa*, como qualquer outro jornal, não construía qualquer opinião, limitando-se a proclamar os grandes manifestos oficiais e a conceder aos seus leitores, por exemplo a 8 de maio, um conto de Maria Judite de Carvalho (1921-1998).

Quanto à Junta de Salvação, um pouco assustada com a libertação total das normas e da manifestação diária de milhares de civis nas ruas, tenta impor alguma “ordem” para prevenir os excessos (*Diário de Lisboa*, 4 maio 1974). Mas por todo o lado irrompiam notícias esclarecedoras: “As contas bancárias dos grandes do fascismo devem ser congeladas / defendem advogados de Lisboa”. Por um mero acaso surge, nesse mesmo dia, com o nome de um partido de centro-esquerda, o futuro PPD, com Sá Carneiro (1934-1980), Miller Guerra (1912-1993), Magalhães Mota (1935-2007) e Francisco Pinto Balsemão (1937- ).

No dia 3 de maio trata-se, com direito a fotografia, do regresso de Manuel Alegre (1936- ) e de Piteira Santos (1918-1992). Nesse mesmo dia o crítico Lauro António (1942-) escrevia um longo artigo intitulado “Por um cinema livre por uma nova crítica”. O sector do cinema era muito importante para todas as classes sociais e nomeadamente para os jovens. Em anos anteriores, durante o salazarismo, era vulgar alguns intelectuais deslocarem-se a Paris para se actualizarem. Lembre-se de que só havia dois canais de televisão, a preto e branco e altamente censurados. Também na rádio eram raros os programas que passavam a música rock ou mesmo algum jazz. O rádio clube português, notícia do *Diário de Lisboa*, demite por unanimidade a

direcção. E foi assim, para as empresas, Universidade, sector público e privado.

Os jornalistas decidem (diz o *Diário de Lisboa*) “Não tolerar doravante qualquer censura interna nos jornais”. Os próprios jornalistas do *Diário de Lisboa* negociam com o diretor Ruella Ramos (1890-1992) e apoiam “uma informação objectiva, independente e pluralista”.

Na televisão oficial há saneamentos nas chefias.

Notícias do exterior referem que a Frelimo “saúda as forças democráticas portuguesas”. E os espanhóis “aclamam a revolução portuguesa”. A Grã-Bretanha “reconhece a Junta de Salvação Nacional” e Miterrand (1916-1996) “regozija-se com a revolução em Portugal”. Aliás, a Europa sentia-se aliviada e ao mesmo tempo receosa em relação a todas estas movimentações: por um lado o receio de Portugal ficar nas mãos do PCP/URSS; por outro, estava-se a preparar o desmoronamento do último grande império colonial europeu.

Havia comunicados a toda a hora e a todo o momento. Os intelectuais e os escritores quiseram desde logo apresentar as suas convicções.

Entretanto, fica pronto o I Governo Provisório desta III República. (16 maio 1974 a 11 jul. 74). O Primeiro Ministro era Adelino da Palma Carlos (1905-1992); houve três ministros sem Pasta por causa de divergências. Eram eles Sá Carneiro (PPD), Álvaro Cunhal (PCP) e Pereira de Moura (1925-1998 - MDP). Mário Soares ficava com os Negócios Estrangeiros. A Defesa Nacional ficava com um militar.

Um dos ideólogos do PS, Raul Rego (1913-2002), tinha autoridade sobre a terrífica Comunicação social.

Mas as paralisações seguiam-se umas às outras. Por exemplo, os ferroviários “decidem paralisação de receitas” (15 maio 1974); os trabalhadores da Pfizer entravam em greve; os “Católicos do Porto” denunciam o oportunismo dos partidos ditos “cristãos”. (*Diário de Lisboa*, 15 de Maio).

O anticlericalismo que existiu também durante a I República apresentava agora novos contornos: a Concordata que o salazarismo acordou com a Santa Sé; o facto de não haver o divórcio para quem casasse pela Igreja; a Igreja estava muito conotada com o regime anterior; e, não menos importante, havia o chamado movimento dos Católicos Progressistas, os quais estavam na linha da Encíclica Vaticano II.

A Junta tenta engajar alguns intelectuais para decidirem uma política cultural. Alguns deles, já falámos atrás, mas existem outros Fernanda Botelho (1926-2007), David Mourão-Ferreira (1927-1996), Fonseca e Costa, Bernardo Santareno (pseudónimo de António Martinho do Rosário, 1920-

1980), Óscar Lopes (1917-2013), Lindley Cintra (1925-1991), Lopes Graça (1906-1994) etc....

Como se pode verificar, havia um sector do PCP em todas as grandes questões que a Junta de Salvação Nacional propunha. Spínola não estava alheio a esta medida. Ao colocar quadros do PCP no Governo e na comunicação social, estava a esboroar a natural fricção entre o socialismo moderado e o comunismo. Não que Spínola fosse socialista moderado: pelo contrário, era um militar de direita moderada que nem sequer admitia a descolonização imediata, mas antes ponderava uma certa autonomia das colónias. Angola vivia em guerra contínua entre o MPLA, a FNLA e a UNITA: “Em certo sentido, a guerra civil em Angola era igualmente uma guerra civil portuguesa — a tal que foi evitada na Europa, mas surgiu em África” (TELO, 2008, p. 171).

Moçambique, segundo o historiador António José Telo, era um caso muito diferente de Angola. A Frelimo era aceite internacionalmente, mas o problema eram os regimes brancos da África Austral (cf. TELO, 2008, p. 174-9).

O PAIGC da Guiné-Bissau já proclamara a independência antes do 25 de abril. Era reconhecido por cerca de 80 Estados.

Estava-se muito longe da CPLP e dos vários espaços da lusofonia (cf. TELO, p. 227-37).

O então ministro Mário Soares, em conversa com autoridades dos EUA, acorda com elas, sem formalização, que a presença americana nos Açores estaria sempre assegurada desde que não fosse levantado algum problema ao novo regime instalado em Portugal (cf. TELO, p. 237-46). Claro que Álvaro Cunhal falava abertamente com a URSS e neste intermezzo as duas superpotências olhavam curiosamente para um pequeno país da Península Ibérica.

Mas regressemos à cultura e à literatura. Urbano Tavares Rodrigues (1923-2013) escrevia no *Diário de Lisboa* uma “Contribuição para uma análise da situação do escritor em Portugal” (13 maio 1974). Urbano aludia, com alguma ingenuidade, à carestia dos livros, que supostamente seriam consumidos pelas classes operárias; criticava o Grémio Literário por estar ligado somente às elites; e enaltecia a Fundação Gulbenkian, bem como os Institutos Francês e Alemão. Mostrava-se preocupado com a situação dos escritores que ainda não podiam escrever em todos os jornais.

Se os escritores queriam mais imprensa, o feminismo expandia-se abertamente. Pretendiam as líderes do movimento, uma informação honesta sobre a contraceção, sobre as discriminações salariais, sobre o aborto livre e, finalmente, a paridade com o sexo oposto (*Diário de Lisboa*, 15 de maio).

Um dos nomes mais representativos do feminismo, Helena Neves, pertencia ao Comité Central do PCP e tinha sido presa pela PIDE uns dias antes do 25 de abril: em “A Mulher Portuguesa e o Momento Actual” (*Diário de Lisboa*, 15 maio) fala de questões que nunca tinham sido debatidas na sociedade portuguesa. Por exemplo, a questão da humilhação, do sofrimento e da violência sobre as mulheres. Assumia-se contra a mulher como objecto erótico ou suporte de maternidade. Não é por acaso que uma jornalista do *Diário de Lisboa* proclama em letras gordas o fim dos concursos de beleza. As mulheres estariam fartas de serem tratadas com uma menoridade mental e reivindicavam, não o erotismo das misses, mas o salário igual para trabalho igual. Nesta demanda por uma moralidade livre, interdita-se os filmes pornográficos por ordem da Junta. (*Diário de Lisboa*, 16 maio 1974).

Maria Isabel Barreno (1939- ), uma das três Marias, refere a opressão da mulher numa sociedade masculina. E num gesto corajoso, completamente inédito em Portugal, diz: “Partindo da produção de crianças, somente se pode compreender certos detalhes tais como: a repressão violenta do onanismo — desperdício, prática sexual sem qualquer utilidade económica ou ideológica; a prostituição, por exemplo, serve à reprodução dos agentes; todas as excitações, físicas ou psicológicas, do clítoris, órgão abominável visto que, não sendo um meio de produção de crianças, permite, ainda por cima, o prazer das mulheres” (*Diário de Lisboa*, 16 maio 1974). Maria Isabel Barreno cita ainda Engels, questiona o poder da paternidade e a tomada de poder dos homens com a propriedade privada.

#### CONTRIBUTOS PARA UM IMAGINÁRIO IDEOLÓGICO DO *DIÁRIO DE LISBOA* — 25 DE ABRIL

Nem todos os colaboradores do *Diário de Lisboa* tinham a abertura ideológica de Maria Isabel Barreno. Veja-se, por exemplo, o artigo de Calvet de Magalhães (1915-2004) sobre “A civilização da imagem”. O autor, digníssimo antifascista, alerta-nos para os perigos do audiovisual face ao velho quadro preto.

Por sua vez, a publicidade do *Diário de Lisboa*, conformava-se com a revolução em curso: acerca do recentíssimo automóvel Mini surge uma imagem com dezenas de jovens revolucionários clamando com cartazes: “Mini contestação! Mini ateste! Mini arrumo! Mini gasto!”

Entretanto, no Casino do Estoril, a grande “vedeta australiana da canção”, Kirri Adams.

Os homens estavam cada vez mais interessados na sua imagem: o restaurador Olex agraciava-os com cabelos muito pretos. Além disso, homem

que fosse homem devia ir ao snack-bar Flórida, mesmo na praça Marquês de Pombal.

Os casais não tinham dinheiro para pagar casas no centro de Lisboa: de repente, fala-se de andares em Linda-a-Velha, Monte Abraão (Queluz), Seixal (margem Sul) e tantos outros locais.

Para as mulheres portuguesas nada melhor do que a Singer: o anúncio em questão mostra-nos três jovens muito elegantes e, para nosso descontentamento, a máquina de costura Singer.

Mas há para todos os gostos: num cartaz, médio, anuncia-se que já não haverá mais surdez, porque finalmente A Casa Sonotone já oferece o som a qualquer ser humano: pequeno problema, Sábados e Domingos estão fechados.

Ainda as senhoras: “Experimente 2 000 - a tinturaria revolucionária - limpa a seco - tinge - lava”.

Para os Escritores nada melhor do que a Parker e avisa-se: “Parker escreve-se Parker em todas as línguas”. Imaginemos que um escritor ou alguém de posses quer fazer um cruzeiro: não há problemas. Abriu a Star: “Não somos génios, mas fizemos o impossível”. Os Camaradas já podiam fazer cruzeiros.

Mas nada escapava a esta publicidade devastadora: já havia tetos falsos, “Elektro-metall”, em S. João da Pedreira.

Para as senhoras mais prevenidas em relação aos maridos, havia a astróloga Sara. E, ainda para os casais, viagens maravilhosas para conhecer o Leste da Europa. Até havia, vejam lá, pela Abreu, viagens à Escócia e a Londres.

Para que o Mini não fosse o único carro à venda surge o extraordinário Citroën GS: “Fizemos a break GS sem molas — para que não fosse mais uma break a sofrer delas”.

À noite, para todas as famílias, em Teatro de Revista, a grande Laura Alves (1921-1986) presenteava toda a gente “com espetáculos despídos até de preconceitos”.

Os andares para as famílias continuavam a construir-se por todo o país, Porto, Figueira da Foz, Algarve e Costa do Sol. Era a J. Pimenta, SARL.: belíssimo mobiliário, caixilharia de alumínio, ótimos materiais de construção.

Nunca esquecendo o público feminino, dado que existiam muito poucas lojas de pronto a vestir, referia-se que na avenida Almirante Reis se vendiam a peso “tecidos suíços de algodão” .

Lembram-se dos Escritores da Parker? Entretanto veio a Sheaffer, de prata de lei, maciça. E, ainda para os escritores, porque não um automóvel Subaru. Para as senhoras, mulheres dos escritores, havia a Charlot, masculino

e feminino. E, ainda, a Filmoda, Salão Internacional de vestuário, calçado e adorno.

Para os revolucionários que quisessem, por exemplo, aprender russo ou, por maldição, inglês, havia o Centro Audiovisual de línguas, no Chiado. Agraciavam-nos com o título “O Tempo de Revolução e Nós”.

O Governo, através do Ministério das Finanças, avisava os cidadãos que até 31 de Julho tinham de fazer a declaração de Imposto Complementar. E a propósito de revolução, o Sindicato Nacional dos Caixeiros e profissões similares, a 25 de julho de 1974, nos Estádio Primeiro de Maio, apoiava o MFA (Movimento das Forças Armadas).

Até os proletários já podiam comprar um carro: o Austin 1300. Tinha conforto, consumo, segurança e um óptimo preço.

Para escritores e proletários a Kaiser referia os belíssimos candeeiros de trabalho e decorativos.

Mas a tecnologia estava cada vez mais sofisticada: para quem gostasse de fotografia profissional vendia-se a Fujika single-8/Z-700: a máquina até filmava.

Voltando aos senhores que tinham muito dinheiro: por 2,500\$00, pela Agência Abreu, havia fins de semana em Londres. Saía-se à quinta ou sexta feira e voltava-se Domingo à noite. A Agência Havas Exprinter levava de autocarro qualquer camarada para as praias do Mediterrâneo (desde 2,290\$00); Benidorm (desde 525\$00) e Torremolinos (por 1,770\$00). Mas os camaradas podiam ir mais longe ainda: Canárias por 3,320\$00 e Maiorca por 3,240\$00.

O Algarve definhava: os poucos hotéis algarvios eram gravemente afectados, os donos dos hotéis eram considerados capitalistas.

Mas os portugueses tinham de confiar num bom banco: nada melhor do que o BPA (fundado em 1919), Banco Português do Atlântico. E com uma ajuda do banco uma ajudinha para o recém-estreado Hotel Júpiter, na Praia da Rocha: pensão completa por casal 660\$00 com crianças grátis. Havia piscina (novidade), bowling (novidade), snack-bar e boíte. Quatro em um. Portugal nunca tinha visto nada igual: boíte e piscina.

Os camaradas agora debatiam-se com o novo carro Vauxhall GM. Era um carro para todo o ano. Com o carro vinha um conjunto portátil Solcampo, uma mesa com uma bonita toalha, quatro cadeiras e uma geleira.

Os portugueses, como se sabe desde há centenas de anos, gostavam muito das touradas: com uma imagem violenta de um touro anunciava-se que na Nazaré, a 25 de agosto, o grande cavaleiro Manuel Conde e o forçado Nuno Salvação Barreto, iam arrasar Portugal.

Mas para os intelectuais o Maria Matos (teatro) apresentava a peça de Bernardo Santareno intitulada “Português, escritor, 45 anos de idade”.



As camaradas, para além de irem ao teatro, preocupavam-se com os saldos da Lanidor que decorriam durante 3 dias em agosto.

A CP, que não queria ficar atrás deste progresso imenso, anunciava as suas viagens para Madrid, por 980\$00.

Para revolucionar os mesmo muito mais ricos propunha-se Rio de Janeiro, Santos, Buenos Aires, Cannes, Génova, Nápoles e até Colombo: quem oferecia era a Italian Line. Para os filhos dos camaradas que não gostassem do ensino oficial começaram a proliferar muitos colégios privados: por exemplo, o Colégio Sá de Miranda à Estefânia.

Ainda a imprensa feminina. Gina de Freitas, escandalizada, dizia: “Limitando-nos, portanto, à imprensa feminina vulgar, tipo magazine ou simplesmente revista de modas, chegamos à conclusão de que ela é muito mais uma imprensa de evasão do que uma imprensa de actualidade”. A autora, citando Harold Portnoy, proclama que estas revistas de moda são conservadoras e defendem a pseudoestabilidade dos lares.

Finalmente se fala de uma escritora brasileira radicada em Portugal, assistente da Faculdade de Letras, Maria Lúcia Lepecki (1940-2011). Afirmava-se, com o seu cabelo curto tão peculiar e um fâcies lindo, como um nome muito avançado para a época. Veja-se esta reflexão da ensaísta: “Falando sério: porque é que a psicologia infantil, por exemplo, ou os conselhos matrimoniais se acoutaram nas revistas e suplementos femininos? Acaso não serão os pais também educadores? Acaso não estarão também os homens interessados em ter um casamento harmonioso? Porque é que a culinária assentou aí seus arraiais? Não serão os grandes cozinheiros homens? Porque é que as secções de compras, a publicidade mal disfarçada enchem as revistas femininas e, neste ponto, as francesas são um desastre? Escuso de perguntar, porque você já sabe a resposta: primo, quem foi feita para o lar é a mulher — e tome de psicologia para criar sozinha os filhos e de culinária para que o marido e filhos não tenham motivos de reclamações, e de *gadgets* que lhe encham os armários, já que nada lhe preenche a cabeça. Secundo, porque a mulher foi feita para o lar e o perigo dos perigos é que o chefe deste lar se vá porta fora — e tome de conserve o seu marido tendo uma pele macia e fazendo bons cozinhados. Tertio, porque a mulher foi feita para um lar que seja mais bonito e mais recheado do que o lar da vizinha: tome de publicidade disfarçada, e eis aí formados os exércitos de formigas compradeiras... o que nos vale no meio de isto tudo, as revistas femininas parecem ter também um subconsciente rebate de consciência: e eis a quase obrigatória secção de divulgação de psicanálise não corram as leitoras o risco de traumatismos psicológicos de resultados imprevisíveis” (*Diário de Lisboa*, 5 junho 1974, p. 3).

Foi preciso uma mulher brasileira dos quatro costados para dizer de um modo simples a situação da mulher em Portugal em 1974, após a revolução.

Referindo ainda nomes de ensaístas brasileiros de grande dimensão intelectual: Maria do Carmo Fernandes, que assinava todas as semanas a rubrica “Testemunho de uma Brasileira”:

Estou a imaginar (e não posso deixar de rir) a cara dos militares brasileiros e chilenos que, tendo já dado o seu muito precipitado reconhecimento à Junta portuguesa, tiveram que engolir em seco, surpresos e perplexos, com a chegada triunfal do líder comunista português Álvaro Cunhal, recebido pelo Exército e pelo povo, com flores, risos, lágrimas e esperanças e sendo, posteriormente, convidado a fazer parte do Governo (...) e, meus amigos A Política é algo bem mais complexo do que se pensa. Convém reflectir, antes de se tomarem certas decisões precipitadas, que podem, posteriormente, mostrarem-se ridículas, no plano internacional. Convém que os militares do Chile e do Brasil aprendam que devem ser mais cautelosos, quando novos “golpes” acontecerem por esse mundo fora” (*Diário de Lisboa*, 6 junho 1974, p. 3).

Maria do Carmo Fernandes trata sem pejo dos fascismos no Chile e no Brasil e de como Portugal, com o seu 25 de abril, mostrava um caminho, provavelmente, para toda a América do Sul. Vejam: o Brasil actual pós Lula, já não é esse grande País que oferece alternativas ao paupérrimo Portugal da troika? Como os tempos mudam.

O interesse em torno da América do Sul não parava. Na Argentina falava-se de Estela Perón, presidente até 1977. No entanto, o socialista Mitterrand visitava Portugal (*Diário de Lisboa*, 3 jul. 1974, p. 24). E sabem que mais? Os intelectuais maiores do tempo, em 1975, vinham “beber” Portugal: Sartre e Simone de Beauvoir.

Ferreira de Castro (1898-1974), o escritor que mais se interessou pelo Brasil, era justamente idolatrado (*Diário de Lisboa*, 5 jul. 1974, p. 3). Urbano Tavares Rodrigues dizia: “Obrigado Ferreira de Castro”. Jorge Listopad (1921- ), de nacionalidade Checa, inebria-se com o autor de *A Selva*.

A mulher de Urbano Tavares Rodrigues, feminista, escritora, articulista, a grande Maria Judite de Carvalho (1921-1998), infelizmente muito esquecida em Portugal, nos dias de hoje, escrevia regularmente no

*Diário de Lisboa*. No seu artigo intitulado “As locutoras da tv” (*Diário de Lisboa*, 16 julho 1974, p. 10) falava que finalmente as mulheres entravam pela televisão como locutoras, não por serem belas ou subservientes, mas porque tinha havido uma libertação das mulheres. A Maria Judite de Carvalho era optimista. Em 2014 não se encontra uma única mulher, locutora ou não, que não preencha os ideais do feminino através do ideário masculino. Provas: quando morreu Urbano Tavares Rodrigues houve um grande silêncio nacional. Quando morreu Maria Judite de Carvalho, porventura em qualidade melhor do que o marido, os media nem referiram a sua ausência. Quando morre um homem intelectual, por exemplo o grande historiador Medeiros Ferreira, os media encheram-se de panegíricos, os quais curiosamente o dito historiador nunca recebeu em vida. Quando uma intelectual mulher morre, a situação é simples: numas letrinhas muito pequeninas que correm algures pelos telejornais nacionais, lá se diz que morreu Fulana de Tal. Houve uma excepção: a primeira mulher que exerceu o cargo de Primeiro Ministro em Portugal. Dedicou-se-lhe um brevíssimo comentário, exaltando a ligação religiosa ao movimento Graal, e o empenho por causas justas. Tudo muito breve, porque as telenovelas estão primeiro.

Gina de Freitas, de quem já falámos, reflectia sobre a condição das mulheres, em termos muito práticos (*Diário de Lisboa*, 16 jul., p. 10): o caso de uma empregada de drogaria-perfumaria no Camões. Tem 28 anos, é casada e ganha 3,750\$00 mensais. Desconta 400\$00. Vive em Loures, porque é mais barato. Almoça nos sítios mais económicos. Chega a casa não antes das 20:30 horas. O marido já está à espera que ela faça o jantar e deixe o pequeno-almoço do dia seguinte mais ou menos adiantado. As batas que usa no trabalho são pagas à sua custa. Tem 15 dias anuais de férias. Aprendeu dactilografia aos serões para receber uns dinheirinhos.

Luísa dactilógrafa. Está há 30 anos na mesma empresa. Ganha 4 000\$00 mensais. Mal tem dinheiro para pagar vestuário, embora viva bem longe de Lisboa.

Veja-se o caso da professora primária que ganhava 3,400\$00.

Vejam-se as enfermeiras-partadeiras das Caixas de Previdência. Ganham 4,400\$00 e têm de ter pelo menos o quinto ano e mais 4 anos de curso. As mulheres em 1974, as mulheres em 2014: muita coisa mudou, mas nos últimos 3 anos recuámos 40 anos.

O Professor Afonso de Albuquerque, com a coragem de todos os grandes pensadores, fala da hipocrisia dos médicos em relação ao aborto. Diz o ensaísta e psiquiatra que os estudantes de medicina não sabem absolutamente nada de métodos anticoncepcionais ou mesmo de Ginecologia. (*Diário de Lisboa*, 11 julho, p. 3). Nos dias de hoje a especialidade de

Ginecologia feminizou-se quase totalmente. As meninas, quando alertadas pelos pais ou família, a partir dos 13 anos, tomam contraceptivos. Bem-haja 25 de abril.

Gina de Freitas, a corajosa jornalista, refere a perseguição religiosa e política à professora Maria Almira Medina (1920- ), porque assediava meninos no Liceu Nacional de Sintra. A jornalista provou serem manobras políticas contra uma mulher corajosa. Já depois do 25 de abril (*Diário de Lisboa*, 17 julho, p. 8). Ainda nas denúncias da desigualdade entre homens e mulheres: da escritora Maria Judite de Carvalho. Procurava-se um chefe de escritório com idade não superior a 45 anos, um praticista com 40 anos no máximo e uma secretária correspondente de, insidiosamente, 27 anos. A escritora chegou então à procura de um guarda-livros e, veja-se a bondade: procurava-se deficiente físico ou senhora. Grande Maria Judite de Carvalho.

Mas o melhor espanto aconteceria a 25 de julho de 1974. O futuro Nobel, José Saramago, escreve uma carta aberta à CIA: “Sou um pobre cidadão português que ainda não ia à escola em 1926 e que viveu todo este tempo sob o regime fascista que Vossa Excelência tanto acarinhou e protegeu. A diferença é que, enquanto Vossa Excelência defendia Salazar e Caetano, não me protegia a mim”. Questão fundamental que eu quereria colocar: Saramago foi Nobel por vivermos num regime democrático? Saramago, por dentro de um fascismo, mesmo que fosse viver para Espanha, nunca seria Nobel? Saramago, o grande escritor, protegido desde sempre pela Editorial Caminho de Zeferino Coelho, que ordenou a tradução das suas obras pelas principais línguas do mundo, nomeadamente, a tão imperialista língua inglesa, não seria Nobel? A CIA lá saberá.

Voltemos ao Brasil: Chianca de Garcia (1898-1983; realizador do filme *A Aldeia da Roupa Branca*). Escrevia, todas as semanas, as suas “Cartas do Brasil”:

A escolha dos embaixadores de Portugal no Brasil nunca foi, nos últimos 50 anos, nem hábil, nem útil, nem digamos a palavra lusíada. Lusíada num sentido de comunidade, de integração, de contacto e permanência intelectual. E, usemos de novo uma palavra certa, nem moral. Moral, e claro, na comunicação de sentimentos históricos, numa luta de fé e de heroísmo, buscando deste lado Sul do Atlântico uma unidade binacional. Binacional culturalmente. E digo binacional porque está em moda, em outros sectores, o multinacionalismo” (*Diário de Lisboa*, 27 jul. 1974, p. 11).

Vejam esta preciosidade: a luta por uma binacionalidade, como “A Luta de muitos anos”. O Brasil pós-Lula estará ainda interessado nesta binacionalidade? Os Portugueses, agradeceriam.

J. Silva Falcão coloca questões muito interessantes no dia 6 de Agosto, na página 3:

Ante a retracção que se está a verificar nos investimentos a cargo do sector privado, sabendo-se que mais de 80% dos investimentos cabiam a esse sector, terá o Governo de tomar o comando deliberado da formação bruta de capital, seja qual for a amplitude de posição a assumir.

Este ensaísta tem a coragem de referir uma questão tabu: empresas privadas, capitais privados, investigações científicas privadas, se calhar, vão mais longe do que o Estado Socialista, que nacionalizou tudo (até as empresas do Champallimaud), propõe.

Helena Cidade Moura (1924-2012), que pertenceu às listas do MDP-CDE fala do fascismo e dos racismos profundos. Fala e muito bem. Os fascismos e os racismos entrecruzam-se. Esta Mulher faz a denúncia (*Diário de Lisboa*, 6 ago., p. 3).

Mas as forças do capitalismo não nos largavam. O *Diário de Lisboa* assinalava os perigos. Gerald Ford em conversa com Spínola terá dito que seria bom robustecer a NATO. Como podem verificar, desde a Carta à CIA do Saramago até ao fortalecimento da NATO, o “imperialismo americano” estava pronto a morder a Revolução.

Um dos maiores ensaístas de todos os tempos em Portugal, o célebre Eduardo Prado Coelho mostrava a sua zanga feroz perante Artur Portela Filho (1937- ):

Porque, do ponto de vista da teoria política, a posição de Artur Portela Filho corresponde à defesa de uma democracia liberal, burguesa, que, na sua coerência plena, deverá aceitar enunciados deste tipo: a minha liberdade passa pela liberdade das forças monopolistas (*Diário de Lisboa*, 19 ago., p. 3).

Ainda Prado Coelho, muito susceptibilizado com o Capitalismo: “Notemos, primeiro, que se fala sempre em Governo deposto marcelismo sem mais adjectivos. Nem fascista, nem reaccionário, nem de direita.” Tratava-se de um ataque compulsivo a um semanário dirigido por José Hipólito Raposo (1885-1953), intitulado *Tempo Novo*.

Uma questão de uma enormidade política fundamental. Proveniente de Caracas falava-se de que o Brasil ia construir uma bomba atômica, que seria uma séria ameaça aos países da América Latina (*Diário de Lisboa*. 28 de Agosto. Página 13).

O nosso Chianca de Garcia, nas suas “Cartas do Brasil”, dizia romanticamente: “Estar longe de ti, Lisboa, é prémio ou castigo?” E Chianca diz em relação a Lisboa:

Ameaçam-na as profundas raízes do passado. Não só dos últimos 50 anos. Mas de 500. Sempre fomos reaccionários. Dominadores. Sempre fomos latinos. Sempre fomos Roma, Península Ibérica, Inquisição (...). Por exemplo, em Portugal eu desconhecia o valor do negro como ser humano. Só vim a compreender os negros no Brasil. Só ameie a África através do Brasil. Em Lisboa, a África sempre foi o degredo (*Diário de Lisboa*, 29 ago., p. 3).

Chianca de Garcia referencia mais um tabu: o racismo entranhado dos portugueses em 1974. Será que em 2014 os racismos europeus, muito em alta, não revivem os ideais racistas dessa Lisboa longínqua pós-25 de abril?

Mas o Brasil já era uma grande paixão para Portugal. Ernesto Geisel, chefe de estado e general, não gostava de liberdades. Não é que o senhor general e chefe de estado andava um pouco agitado por essas minorias subversivas e contestatárias que andavam por esses brasis, provavelmente encantados com esse 25 de abril estranho de 1974? Soubemos que Marcos Freire (1931-1987), deputado da oposição, teve o atrevimento de exigir a Geisel a revogação de leis proibitivas. Mais: o marechal Costa e Silva, antigo presidente do Brasil, promulgou em 13 de Dezembro de 1968, actos constitucionais proibitivos, os quais Geisel apenas, subservientemente, obedece. Abril de 74, diga-se a verdade, agitava a URSS, agitava a América do Sul, o Brasil e África.

Muito mais haveria a dizer sobre esse notável *Diário de Lisboa* (1921-1989). Jornal de esquerda, com grandes vultos intelectuais como articulistas, jornal que não se dimensionava só à Revolução e a abril.

Desde a emancipação das mulheres, até ao diálogo possível com o Brasil amordaçado de 74; desde a ferida bem anunciada sobre o colonialismo português no Brasil e em África, até ao racismo profundo da diferença e da alteridade, nada escapou ao observador clínico, o *Diário de Lisboa*.

Com todas as suas contradições ideológicas, apropriadas ao tempo excepcional que se viveu em 74 em Portugal, o *Diário de Lisboa* manteve-se de portas abertas para a polémica, os grandes questionamentos existenciais,

as grandes problemáticas. Eu, que ainda o estou a ler em passos de corrida até 1989, também nele participei, via o grande senhor Piteira Santos, nos anos 80. Eram outros tempos, esses anos 80, com a miragem de entrar na barca CEE. Lá entrámos, em 1986.

Agora, em 2014/2015, nós que grandiosamente entrámos na CEE, somos o refugio da Europa culta e rica. Pior que a Grécia, porque não possuímos essa extraordinária herança que é a civilização grega. Muito menos somos a Irlanda. A nossa língua oficial não é o inglês e não nos encontramos geograficamente no centro da Europa. Mas temos o Brasil: para lá emigramos agora, mostrando aos brasileiros que nem todos usamos bigode e nem todas as mulheres são feias. O Brasil acolheu Marcelo Caetano (1906-1980). Acolheu o grande poeta António Botto (1897-1959), que foi despedido da função pública portuguesa por pecados de sodomia. O Brasil é afinal a ponte que Portugal tem para uma nova libertação cultural e de mentalidades.

#### BIBLIOGRAFIA

*Diário de Lisboa*, Lisboa, abr.-dez. 1974.

*Diário de Notícias*, Lisboa, abr.-dez. 1974.

DUNN, J. *Democracy: the Unfinished Journey*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

GELLNER, E. *Postmodernism, Reason and Religion*. New York: Routledge, 1992.

ROBERTS, J. M. *História do Século XX*. Lisboa: Presença, 2007. 2 v.

TELO, A. J. *História Contemporânea de Portugal: do 25 de Abril à Actualidade*. Lisboa: Presença, 2008. 2 v.

Data de recebimento: 25 de abril de 2014

Data de aprovação: 30 de maio de 2014